

Nacionalismo, Estudos Culturais e o Poder: Os Signos Ritualizados do Bolsonarismo¹

Gabriel Dolcemascallo Rossi²
Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM)

RESUMO

Esse estudo busca melhor compreender o bolsonarismo pela ótica dos Estudos Culturais, mais especificamente por meio dos signos ritualizados e dos conceitos de nacionalismo e o de identidade. Como empiria, foi trazido um ângulo da manifestação de apoiadores do ex- presidente na Esplanada dos Ministérios no Dia da Independência (Sete de Setembro). Isso posto, esse trabalho ambiciona, sobretudo, contribuir com a discussão sobre a política brasileira recente.

PALAVRAS-CHAVE

Bolsonarismo, Comunicação, Estudos Culturais, Nacionalismo, Política.

1 INTRODUÇÃO

Entender o nacionalismo pela sua perspectiva cultural nos permite também compreender o poder e refletir sobre as mais variadas manifestações dos tempos atuais. Pela perspectiva da comunicação (em diálogo com as Ciências Sociais), parece fundamental lançarmos mão de um olhar atento aos rituais do patriotismo e a como os signos que remetem ao imaginário da pátria e da nação são transmitidos, performados ou, quiçá, reinventados; signos que sugerem a construção social e imaginária de um país. No dia Sete de Setembro de 2022, Dia da Independência, bolsonaristas se agruparam em frente à Esplanada de Ministérios. Cantaram o hino, rezaram, mimetizaram o líder e estavam vestidos com as cores das bandeira brasileira³. É exatamente esse o objeto deste estudo. E a pergunta central desse estudo é a seguinte: como os signos comunicacionais ritualizados pelo bolsonarismo nos ajudam a entender este fenômeno de extrema-direita?⁴

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Pesquisa – Políticas e Estratégias de Comunicação do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 4 a 8 de setembro de 2023

² Bacharel em Sociologia pela Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESPSP) e Mestrando em Comunicação e Práticas de Consumo pelo PPGCOM ESPM com bolsa institucional. Contato: < Gabriel.rossi@espm.br >.

³ Roupas são elementos que fazem o sujeito se posicionar ou se reposicionar em um grupo. De fato, o ato de consumir é culturalmente compartilhado e permite que sujeitos transmitam seus valores e construam (ou performem) suas identidades.

⁴ Olhar para os rituais é uma das maneiras de tentar compreender o fenômeno da extrema-direita no Brasil e no mundo. Todavia, há diversas outras facetas que fugiriam da proposta desse artigo. Por exemplo, Levitsky e Ziblatt (2018) demonstram como, nos dias atuais, líderes eleitos por meio do sufrágio popular subvertem as instituições estabelecidas, buscam dividir em vez de unir e, frequentemente, apostam no corte constitucional e na aprovação das legislaturas para o alcance de suas prioridades. No decorrer da última obra escrita por eles, esses autores listam países onde as instituições foram gradativamente violadas e a debilitação da democracia foi travestida de legalidade, como Rússia, Geórgia, Venezuela, Nicarágua e Hungria. Na mesma direção, Applebaum (2021) complementa o argumento anterior, ao discutir como as elites democráticas ao redor do mundo sucumbiram aos preceitos sedutores do

É, sobretudo, importante estudarmos essas manifestações ritualísticas (e extremadas) do Brasil contemporâneo, pois elas nos permitem: 1) entender as construções culturais que moldam tais comportamentos e 2) entender projetos de poder, olhando para manifestações do passado (como podem ensinar, por exemplo, os estudos de Walter Benjamin, 1994).

Em adição, é também papel dos estudiosos da comunicação pesquisar, entender e compartilhar noções da nossa sociedade. O Brasil é um país que carrega questões históricas que devem continuar sendo problematizadas⁵ e também novos elementos que tangem centralmente a área de comunicação e parecem entrar em cena: há algo ainda mais estético, lúdico e fragmentado na forma que vivenciamos o público; há uma “liquefação da política”. Uma das principais consequências desse cenário é um jogo de interesses para certos grupos (ou indivíduos) se afirmarem, em detrimento da legitimidade de outros, custe o que custar.

Como método, ao analisar uma imagem derivada da manifestação de Sete de Setembro, pincelou-se, por uso de uma única imagem, alguns signos patrióticos que foram ritualizados pelos apoiadores do ex-presidente. A partir disso, os achados foram interpretados por duas chaves específicas: 1) patriotismo como manifestação de identidade e 2) a estética como um plano de poder.

2 MARCO TEÓRICO

Pelas lentes dos Estudos Culturais, é necessário, de fato, entender o nacionalismo pela perspectiva (sócio)cultural. Assim sendo, o célebre livro *Comunidades Imaginadas* (2008), de Benedict Anderson, se impôs como nevrálgico para este estudo. Para ele, a nação é uma comunidade imaginada “porque os membros da mais minúscula das nações jamais conhecerão, encontrarão, ou sequer ouvirão falar de seus membros, embora todos tenham em mente a imagem da comunhão entre eles” (ANDERSON, 2008, p.32). O autor reivindica a centralidade do capitalismo editorial para que a ideia de nação ganhasse força. Para ele, a junção entre editoria e mercado gerou uma transformação na maneira como as ideias circulavam; e, também, a percepção

nacionalismo autoritário. A historiadora e vencedora do Prêmio Pulitzer, ao analisar diversos estudos de caso, apresenta algo que ela chama de “a traição dos intelectuais”; a maneira como muitos acadêmicos, escritores, jornalistas e membros importantes da sociedade civil têm se comportado de maneira indiferente, ou até mesmo colaborativa, diante do populismo autoritário.

⁵ Buarque de Holanda (1995), por exemplo, o brasileiro tende a valorizar o privado em detrimento do público. Consequentemente, o nosso caráter nacional, aquilo que nos faz ser o que somos, se caracteriza pela valorização da ordem privada. Segundo Holanda, fomos construindo nossa sociedade com o insumo da prevalência, provinda do iberismo lusitano, da noção de que a ordem privada é mais importante que a pública. O autor, visando exemplificar a relação tensa entre o público e o privado, aborda o mito grego de Antígona e Creonte. Nele, Creonte, rei de Tebas, havia proibido, sob pena de morte para os desobedientes, o sepultamento do cadáver de Polineices. Antígona resolve desafiar o edito ultrajante e realiza os ritos fúnebres de seu irmão. Ou seja, Antígona decide não obedecer ao Estado, optando pelo privado, que engloba sua religiosidade e família. A partir desse mito, o autor brasileiro nos mostra como podemos entender o dilema do cidadão médio brasileiro: atender ao público ou ao privado. Vale a pena enfatizar que o homem cordial, formado pelo iberismo, não é propriamente gentil. Ao agir segundo o coração, ele tende à violência, a fazer valer a sua vontade, em detrimento ao público.

do tempo foi incisivamente alterada: ele deixou de ser circular e passou a ser linear – o conceito de simultaneidade, logo, se torna possível.

Diante dessa formulação, Anderson argumenta, inclusive, que nação é uma comunidade concebida por laços profundos de camaradagem horizontal. De acordo com o autor, independentemente da desigualdade e da exploração efetivas que possam existir dentro dela, a nação sempre é concebida como uma profunda camaradagem. Não obstante, para matizarmos essa perspectiva de Anderson com realidades mais próximas da América Latina (e do Brasil), foi de muita valia lançar mão dos estudos do antropólogo chileno Carlos Lomnitz (2001) e de Nancy Stepan (2005). O primeiro tenciona as ideias de Anderson ao argumentar que a ideia de “laços profundos de fraternidade” só pode ocorrer entre cidadãos plenos. Em boa medida, Lomnitz busca a compreensão do nacionalismo por meio de um mecanismo de pensamento menos universalista. As realidades são bem diferentes para os diferentes sujeitos e grupos dentro das nações. E, justamente, essa foi conclusão da leitura do estudo. É problemático, pelo viés da comunicação, uniformizar signos patrióticos em ritualísticas que tentam homogeneizar subjetividades e, claro, realidades distintas. Já Stepan é uma autora necessária para entender as problemáticas do argumento de Anderson no contexto brasileiro. A autora lembra que a construção da nação brasileira foi, sim, disposta por muitos mecanismos de discriminação. Esses que ganharam, muitas vezes, uma acepção positiva, seja através de uma narrativa em prol do status-quo, seja como um projeto de poder.

Como um direcionamento mais direto para responder ao questionamento desta pesquisa e interpretar o objeto empírico, Walter Benjamin (1994) se mostrou valoroso: para o autor, projetos perigosos de poder se mostram na técnica como objeto cultural e estético. Em adição, também para interpretar o objeto empírico, assim como de trazer um autor central dos Estudos Culturais para o debate, as formulações de Stuart Hall (2016) sobre identidade foram basilares neste estudo. Para o autor jamaicano, posições identitárias são provisórias, há negociações; e a tendência à essencialização identitária é, porventura, problemática. Para Hall, a identidade constitui uma diferença e carrega um caráter de fluidez.

3 NACIONALISMO E AS ORIGENS DA CONSCIÊNCIA NACIONAL

De acordo com Benedict Anderson, as origens da “consciência nacional” estão ligadas, fundamentalmente, ao capitalismo. Segundo o autor (2008, p.71), “os fatores são múltiplos e complexos, mas podemos sustentar com fundadas razões que o principal deles foi o capitalismo”. O desenvolvimento da imprensa como mercadoria foi cardinal para a produção de ideias completamente novas sobre simultaneidade. Dito isso, a partir desse momento, surgiu a possibilidade de existir comunidades do tipo horizontal-secular, transtemporais, ou seja, se antes

havia a ideia de tempo circular, depois, a percepção do tempo passou a ser linear, sendo assim, o conceito de simultaneidade tornou-se possível (com contribuição basilar da imprensa).

Para Anderson, a comunidade do tipo horizontal-secular ou transtemporal, como dito anteriormente, se tornou possível com o capitalismo editorial; e, nesse ambiente, a ideia de nação ficou muito popular. A impressão de livros gerou uma ruptura na maneira como as ideias circulavam, pois permitiu a fixidez da gramática. Em outras palavras, o capitalismo editorial criou a fixidez da língua, algo sine qua non para a concepção de nação. E esse mesmo capitalismo editorial, se deparando com o mercado saturado de obras em latim, começou a focar, a maioria, composta por monoglotas. Quando, no século XVII, há uma forte crise na Europa, obras em edições mais baratas e em línguas vulgares foram publicadas.

O poder revolucionário do capitalismo na utilização das línguas vulgares (e, conseqüentemente, no surgimento da consciência nacional) recebeu a influência de outros fatores externos (ANDERSON, 2008, p.73). Primeiramente, houve uma mudança no caráter da língua (o latim se tornou afastado da vida cotidiana e eclesiástica). Em adição, é preciso considerar o impacto da Reforma Protestante com os textos escritos em alemão, que se difundiram rapidamente no início do século XVI⁶. Por fim, diante desse contexto, surge o que o autor chama de “batalha pelo espírito dos homens”. Na “batalha” entre o catolicismo e o protestantismo, mercadores e mulheres passam a ler a Bíblia em um visceral processo de alfabetização e, conseqüentemente, mobilização política (2008, p.75).

Anderson traz as ideias de sacrifício e camaradagem como fundamentais para entendermos as “comunidades imaginadas”. O sacrifício, para ele, é uma consequência do imaginário comunitário nacional:

Não existem símbolos mais impressionantes da cultura moderna do nacionalismo do que os cenotáfios e túmulos dos soldados desconhecidos. O respeito a cerimônias públicas em que se reverenciam esses monumentos, justamente porque estão vazios ou porque ninguém sabe quem jaz dentro deles, não encontra nenhum paralelo verdadeiro no passado. (ANDERSON, 2008, p.35).

Lomnitz (2001), em uma crítica direta⁷ ao texto de Benedict Anderson, aponta para a fragilidade do argumento do sacrifício como elemento medular do nacionalismo. De acordo com o autor, as pessoas se sacrificam pelo seu grupo local (e não necessariamente pela nação), e se faz preciso olhar os laços de dependência que são fundamentais na comunidade nacional. Dessa

⁶ A título de curiosidade, as obras de Martinho Lutero representavam um terço das vendas de todos os livros vendidos entre 1518 e 1525.

⁷ Lomnitz (2001) chega a reconhecer alguns pontos acertados da teoria de Benedict Anderson, *verbi gratia*, ao apontar a principal inovação apresentada: tratar o nacionalismo não como ideologia, mas como uma construção cultural hegemônica – algo compartilhado implicitamente pelo senso comum, algo que aponta para a capilaridade do sentimento nacional e para o quanto as pessoas se identificam com ele. Todavia, a espinha dorsal de seu texto consiste em apresentar uma crítica geral e mostrar os equívocos dos argumentos apresentados na influente obra *Comunidades Imaginadas* (ANDERSON, 2008).

forma, é imprescindível lembrar que não somente a comunidade poderia rejeitar um soldado, mas também a própria família dessa pessoa tenderia a renegá-la. Que fique claro: não apenas seria o soldado chamado de covarde, mas a sua família, também, por ventura, poderia ser atacada e hostilizada. Em adição, Lomnitz, diferentemente de Anderson, afirma que nação é uma comunidade concebida por laços de profunda camaradagem somente entre os cidadãos plenos. Para o autor (2001, p.43):

A ideia de nação associava-se originariamente à de linhagem; membros de uma nação podiam ser ligados por laços verticais de lealdade tanto quanto por laços horizontais de igualdade. Isso é obviamente relevante quando se considera a maneira pela qual idade e sexo interagem com a identidade nacional. Mulheres e crianças podiam se identificar com suas nações ainda que não fossem usualmente consideradas sujeitos representativos da sua nação. Igualmente, um senhor e um escravo podiam ser parte da mesma nação sem necessariamente construir esta ligação de modo horizontal, com base na fraternidade. (LOMNITZ, 2001, p.43)

Posto de outra forma, as pessoas podem até fazer parte de uma mesma nação, mas seria exagero falarmos de laços de fraternidade quando há, por exemplo, relação de exploração entre o senhor e o escravizado. Nesse contexto, a nação é uma comunidade concebida por laços profundos de camaradagem horizontal? O autor chileno (Lomnitz) afirma que esses “laços profundos de camaradagem” só ocorrem entre cidadãos plenos. Lomnitz nos lembra que o conceito de nação se ligava originalmente à ideia de linhagem, membros de uma nação poderiam não apenas estarem ligados por laços horizontais de igualdade, mas também por laços verticais de lealdade. Segundo ele:

Isso é obviamente relevante quando se considera a maneira pela qual idade e sexo interagem com a identidade nacional. Mulheres e crianças podiam se identificar com suas nações ainda que não fossem usualmente consideradas sujeitos representativos da sua nação. Igualmente, um senhor e um escravo podiam ser parte da mesma nação sem necessariamente construir esta ligação de modo horizontal, com base na fraternidade. (LOMNITZ, 2001, p.43).

Lomnitz prossegue ao afirmar que devemos abandonar a ideia de soberania proposta pelo irmão de Perry Anderson. Segundo ele, a perspectiva sugerida por Anderson é problemática, porque os territórios foram definidos durante o período colonial. Para Lomintz, precisamos considerar a relação entre a definição analítica e o uso corrente do termo nação (ou nacionalismo). Por fim, Lomnitz aponta que há um equívoco em atribuir o surgimento da ideia de nação ao período entre 1750 e 1830 na América Hispânica, porque o termo nação não tinha o mesmo significado de hoje. No passado, diga-se de passagem, o termo nação era carregado de ambiguidades: ora nação como sangue ou casta, ora como algo originário do “nacional”.

4 NANCY STEPAN E A COMPLEXIDADE DO CASO BRASILEIRO

Nancy Stepan (2005) traz luz ao debate, apresentando o caso brasileiro para reflexão. Ela demonstra que, embora os brasileiros fossem considerados um povo tropical, a eugenia encontrou seu lugar em nossa história. Assim sendo, a ideia de medicina moral é importante para entendermos esse fenômeno: moralidade estava diretamente associada ao conceito de saúde.⁸ Stepan demonstra a complexidade do racismo: embora a relação entre eugenia e racismo seja frequentemente percebida como definidora, o racismo, na verdade, assume diferentes tipos, de acordo com o contexto, e é reproduzido por meio das relações sociais.

É curioso constatar como a eugenia, de fato, adquiriu facetas distintas em território brasileiro. *Pari passu* com a expansão da economia (estimulada pelo café), se fez presente a ideia de que o Brasil percorria o caminho de transformação, rumo ao aprimoramento racial. Embora não houvesse, como nos Estados Unidos (a título de exemplo), segregação racial legalizada, nosso país demonstrava mecanismos de controle sobre as oportunidades de mobilidade social ascendente. Como efeito colateral disso, os brasileiros se mostram contrários aos atos de intolerância racial (STEPAN, 2005, p.165). Diante desse contexto, a ideologia nacionalista se abasteceu da noção de miscigenação construtiva –que ganhou uma aceção positiva, estabelecendo, assim, uma conotação direta entre miscigenação e nacionalismo.

Outro ponto importante, explicitado por Stepan, que nos permite entender melhor a formação e desenvolvimento da identidade nacional do Brasil, reside no conceito de “miscigenação construtiva”. De acordo com a autora, a noção de branqueamento se fez presente no caso brasileiro. Em outras palavras, havia a crença que “as raças inferiores”, por meio da hibridização racial, seriam assimiladas pelas “raças superiores”. Conseqüentemente, outra posição aparece: um novo tipo racial poderia surgir a partir da mestiçagem⁹. Ademais, Stepan, inclusive, nos explica que a eugenia era um projeto estético e moral, manifestado de diferentes maneiras.

5 IDENTIDADE(S)

Stuart Hall (2016) nos ensina sobre o descentramento das identidades; ele faz uma crítica ao modo essencialista de ver identidade, em outras palavras, Ele critica a crença no sujeito integral, fixo, unificado e imutável¹⁰. O autor ensina que o conceito de identidade extrapola o campo da racionalidade, perpetuando-se na subjetividade dos sujeitos. Identidade, pela perspectiva do

⁸ Inclusive, raça e gênero se entrelaçaram quando se pensa “nação adequada” (2005, p.18).

⁹ No texto *Dois Atlânticos – Teoria social, antirracismo, cosmopolitismo* (2006), Costa faz uma revisão de como diferentes autores trataram o racismo, pretendendo construir “uma nação civilizada”. Alguns desses autores defendiam o hibridismo racial.

¹⁰ Visão que, inclusive, alimenta a narrativa do homem da modernidade: “o homem trabalhador” que carrega os conceitos de uma sociedade paterna e voltado ao ethos da racionalidade weberiana. E o sujeito iluminista, é aquele indivíduo simplificado, coerente, linear.

sujeito sociológico, é reflexo das transformações do mundo moderno – o núcleo interior e exterior do sujeito, a esfera pública e privada. Todavia, há uma faceta performativa na pós-modernidade¹¹, ou seja, como nós performamos as identidades (o sujeito que performa).

E assim sendo, Hall se propõe a responder o seguinte questionamento: já que não é possível pensar identidade com algo unificado, então, por qual razão devemos pensa-la? Nosso autor (p.104) demonstra como identidade é um conceito que opera “sob rasura”, “no intervalo entre a inversão e a emergência”, o autor prossegue: “uma ideia (identidade) que não pode ser pensada da forma antiga, mas sem a qual certas questões-chave não podem nem sequer serem pensadas.”. Posto de outra forma, Hall clama para que não abandonemos o conceito, mas sugere a urgente reformulação para que ele possa servir para pensarmos, quiçá transformarmos, a sociedade. Que fique claro: o autor, no final das contas, aponta para a importância desse conceito e a necessidade de reconfigurá-lo; é necessário desconstruir a ideia essencializada de identidade.

Hall deixa claro como identidades agora são fragmentadas, fluidas, performativas, negociadas¹². E quando olhamos para os signos patrióticos ritualizados parece interessante sugerir que, nesses parâmetros, identidade é uma contestante negociação interna com o contexto. Ademais: há de ser considerada uma questão relacional: “como eu me vejo e como o outro me vê” - o imbricamento desses dois polos é a identidade.

A ideia da “agência e da política” salta aos olhos. Agência (uma preocupação constante de Hall) como um processo de subjetivação, o campo de ação do indivíduo que lhe permite contar a própria história, essa história que pode, sim, ser construída com alguma autonomia (relativa), mas com limitação e condicionamentos. E a política como lugar de luta, discursos hegemônicos, conquista, manutenção e ampliação do poder. Esse ponto é central para entendermos o conceito de identidade: como o sujeito se (re)posiciona diante do enquadramento dado e qual é o exercício de agência, lançando mão de um caráter político, nas práticas cotidianas.

6 O SETE DE SETEMBRO BOLSONARISTA

No ano de 2022, centenas de milhares de apoiadores de Jair Bolsonaro se reuniram por todo o Brasil no Dia da Independência. Em clima de campanha eleitoral, o presidente Jair Bolsonaro (PL), candidato à reeleição, na Esplanada dos Ministérios, subiu num carro de som na frente do Congresso Nacional e fez um discurso de cerca de dez minutos: “vamos todos votar,

¹¹ Embora a ideia do “pós-moderno” seja um campo ainda aberto ao debate, vale apontar algumas características que parecem saltar os olhos. São elas: fluidez e performance de identidades, fragmentação da experiência, avanço das tecnologias digitais, enfraquecimento do conceito de verdade objetiva.

¹² Todavia, Ulrich Bech (2006) parece, com o conceito de “essencialismo estratégico”: sugerir uma nuance interessante ao aspecto fragmentado e fluido da pós-modernidade. Para o autor, pela crença de “uma causa maior”, sujeitos essencializam a identidade.

vamos convencer aqueles que pensam diferente de nós, vamos convencê-lo [sic] do que é melhor para o nosso Brasil”.

Apoiadores, durante o evento, além de ouvirem atentos ao clamor do mandatário, transmitiram e ritualizaram signos patrióticos. Como nos mostra a imagem a seguir:

Figura 1 – Bolsonaristas ritualizam os signos da pátria



Fonte: Agência Estado (2022)¹³

Ao analisar a imagem, saltam aos olhos:

- 1) **A ritualística do culto ao “mártir”**: o líder passa a incorporar os mais autênticos desejos da nação, afetivos entre o governante e a massa são estabelecidos. Em outras palavras, a imagem de Bolsonaro parece alçar dimensões verdadeiramente carismáticas: o chefe da nação encarna as propriedades do verbo e da ação, e da emoção¹⁴, mas também da racionalidade. Bolsonaro – o mártir –, aquele que conhece os caminhos para guiar o povo; o homem disposto a proteger e a encorajar. Um mito que se personifica o logos, pois sua palavra é a lei. Ele guarda e protege o povo dos seus inimigos. Bolsonaro: o

¹³ Disponível em: <https://noticias.r7.com/rio-de-janeiro/manifestantes-pro-bolsonaro-ocupam-avenida-em-copacabana-29062022>. Acesso em: 04 jun. 2023

¹⁴ Em termos freudianos (2011), a adoração pelo líder pode ser explicada, em certa medida, pela ideia de que no universo “fantástico” da relação do lar, o sujeito adulto – incapaz de abrir mão de um prazer um dia desfrutado – passa o resto da vida empenhado em inúmeras tentativas de voltar a ser, demasiadamente, amado pelos pais; passamos grande parte da vida tentando resgatar esse prazer narcisístico. O sujeito acaba inerte diante daquele que ama e uma formação grupal massificante obedece a esse esquema. Massa, diga-se de passagem, é um conjunto de pessoas que colocou o mesmo líder no lugar de ideal do eu. Em outras palavras, o sujeito está apaixonado por aquele que é aquilo que ele gostaria de ser. Assim, ele se submete.

líder que estabelece uma relação direta e vigorosa com os seus súditos.

- 2) **O ritual do hino cantado fervorosamente:** na imagem, podemos observar duas apoiadoras com as mãos ao peito, visivelmente emocionadas com o tocar do hino nacional. Esse ritual, como qualquer outro, sugere transmissão de códigos de valores e construções culturais: “Deus, Pátria, Família”. Ademais, é curioso perceber como uma pessoa tira uma “selfie” durante o hino, conseqüentemente, levando o ritual para as redes sociais: a vivência do ritual é também sobre como eu me vejo e como os outros me enxergam, é sim, uma ferramenta identitária que ajuda o sujeito a ganhar status e prestígio no seu universo.
- 3) **A quase obrigatoriedade da roupa verde e amarela:** com exceção de um homem localizado do lado direito da imagem analisada, todos estão caracterizados pelas cores da bandeira nacional, inclusive com a camiseta da seleção brasileira de futebol. A apropriação desses signos nacionais (e como eles são ritualizados) é elemento marcante da extrema-direita brasileira: desnecessário dizer, esses signos não são (ou não deveriam ser) exclusividade de um grupo político ou processo ideológico, mas se viram capturados e contribuem para a ideia de unidade (uniformidade) do bolsonarismo. Imaginários são construídos; materialidades (por exemplo a camiseta da seleção brasileira) emulam, criam, produzem imaginários.

6.1 Duas chaves de interpretação

Os elementos captados (e em partes analisados) na imagem acima podem ser, entre outras alternativas, interpretados por duas chaves. São elas:

- **Jogo de identidade(s):** como Hall (2016) nos ensinou, identidade tem um forte papel nas relações políticas (e impactam nosso cotidiano): no contexto descrito, identidade carrega uma dose de racionalidade (objetivo pragmático que o sujeito quer alcançar), mas, de fato, há um caráter de subjetividade nessa negociação: ser bolsonarista (e ritualizar os signos da pátria) é efervescer a construção cotidiana do entendimento sobre o “eu”, o “outro” e a sociedade brasileira (o mito fundacional). Em adição, o “ser bolsonarista” passa pela ideia de pertencer a um grupo com a ilusão que todos nesse grupo pensam rigorosamente da mesma forma, passa pela ilusão que identidade é fixa e una.

- **A questão da estética:** Benjamin (1991, 1994)¹⁵ ensina sobre o uso da técnica como objeto estético e cultural. E essa perspectiva se apresenta, antes de tudo, na criação de uma esfera pública ritualística. Esses rituais, sejam eles o hino cantado em uníssono junto com líder, a quase totalidade de camisetas com as cores da bandeira ou, para além da imagem analisada, as barracas de acampamento enfileiradas na frente de um quartel do Exército e também orações coletivas (ou canções) sendo feitas com as mãos levantadas aos céus pedindo pelo futuro da pátria. Nesse sentido, a estética corrobora para um projeto de poder e domínio; e a criação de rituais, inclusive, reinventa signos e códigos que eram de partilha comum. Por exemplo, o Dia da Independência é reinventado e transformado em estética, legitimando um plano, uma crença, um jeito de ver o mundo.

7 CONCLUSÃO

O caso brasileiro salta aos olhos, pois um país institucionalizado e com um razoável ordenamento democrático se viu confrontado pelo bolsonarismo. E em um país tão polarizado e assolado pela experiência da extrema-direita, a escolha do tema deste trabalho foi motivada, sobretudo, pelo espírito democrático. Posto de outra forma, de tempos em tempos surgem líderes demagogos, mesmo nas democracias mais sólidas. Por isso, entender os componentes cardinais de períodos anteriores é condição *sine qua non*: devido à sutileza dos atuais mecanismos impostos para jeopardizar democracias, muitos cidadãos não se dão conta imediatamente dos perigos que lhes são impostos.

A divisão entre os regimes democráticos e autoritários está cada vez mais turva, entretanto, há alguns elementos que trazem luz à questão. Entre eles, deve-se observar e aprender com as ritualísticas da comunicação, assim como (re)visitar aspectos cardinais das teorias sobre o nacionalismo e sobre as identidades. Nesse aspecto, esse trabalho sugere a ritualística dos signos patrióticos como um forte elemento de construção e transmissão de identidade(s) políticas, e também como ferramenta do uso da técnica como objeto cultural e estético. Foi intenção demonstrar como o jogo do poder se encontra incisivamente nas estratégias e práticas comunicacionais codificadas. Afinal, parece inegável que Bolsonaro cravou

¹⁵ As formulações de Walter Benjamin são particularmente importantes para entender o bolsonarismo porque, por meio delas, podemos compreender melhor como imagens (e seus simbolismos) reconfiguram os imaginários e legitimam crenças políticas.

sua imagem e ideários na psique de boa parte da sociedade brasileira. O que explica isso? A resposta reside, em boa parte, no esforço refinado e estratégico de comunicação, lançando mão de ritualísticas, dialetos, códigos de valores.

Para concluir, a fundamental mensagem que esse trabalho tentou transmitir é sobre a necessidade urgente de aprender com as diferentes facetas que líderes autoritários usam para se consolidar no poder. Deve-se observar e aprender com experiências do passado (mesmo que bastante recente), pois a história talvez não se repita, mas frequentemente rima.

REFERÊNCIAS

- ANDERSON, B. **Comunidades Imaginadas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- APPLEBAUM, A. **O crepúsculo da democracia**: Como o autoritarismo seduz e as amizades são desfeitas em nome da política. 1. ed. São Paulo: Editora Record, 2021. 168 p.
- BENJAMIN, W. **Walter Benjamin**: sociologia. São Paulo: Ática, 1991. (Grandes Cientistas Sociais, n. 50).
- BENJAMIN, W. **Obras escolhidas**. Magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BECK, U.; SZNAIDER, N. Unpacking cosmopolitanism for the social sciences: a research agenda. **The British journal of sociology**, v. 57, n. 1, p. 1-23, 2006.
- COSTA, S. **Dois atlânticos**: teoria social, antirracismo, cosmopolitismo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.
- FREUD, S. **Psicologia das massas e análise do eu, e outros textos** (1920-1923). São Paulo: Companhia das Letras, 2011
- GIDDENS, A. **Modernidade e Identidade**. São Paulo: Zahar, 2002.
- HOLANDA, S. B. D. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.
- HALL, S. Quem precisa da identidade. *In*: SILVA, T. T. (org). **Identidade e diferença**. Petrópolis: Vozes, 2016, p. 103-131.
- LOMNITZ, C. O nacionalismo como um sistema prático: A teoria de Benedict Anderson da perspectiva da América Hispânica. **Novos Estudos CEBRAP**, v. 59, p. 37-61, 2001.
- STEPAN, N. L. Identidades Nacionais e Transformações Raciais. *In*: “**A hora da eugenia**”:

raça, gênero e nação na América Latina. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005.